

73
SERMAM
DE PRECES

PELA SAUDE DO MAGNIFICO REY

D. JOAÕ V.

N O S S O S E N H O R,

Que ao recolher-se a internecida Prociffaõ

D A S E N H O R A

D A P I E D A D E

*Da Freguezia de S. Paulo no primeiro dia de Pre-
ces, que se fizerãõ por ordem do Eminen-
tissimo Senhor*

CARDEAL PATRIARCA;

D I S S E

O R. DOUTOR

F I L I P P E

D E O L I V E I R A,

Clerigo Secular, Missionario Apostolico.

O F F E R E C I D O

Ao mesmo Magnifico Senhor

P O R

F E R N A N D O A N T O N I O

D A C O S T A D E B A R B O Z A.

L I S B O A:

Na Officin. De ANTONIO DA SYLVA. Anno de' 1747.

Com todas as licenças necessarias.

73
SERMAM
DE PREGES
PELA SAUDE DO MACHINICO RUY

D. JOAÕ V.
N. O. S. S. O. S. E. N. H. O. R.

Que ao recolher-se a intermédida Provisão
DA SENHORA
DA PIEDADE

Da Freguesia de S. Paulo no primeiro dia de Pre-
ces, que se fizeram por ordem do Eminen-
tissimo Senhor

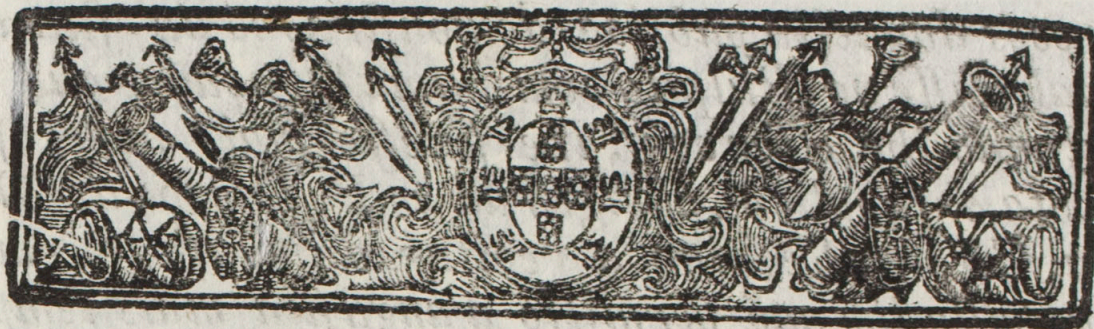
CARDEAL PATRIARCA,
D. I. S. S. E.
O R. DOUTOR

FILIPPE
DE OLIVEIRA,

Clerigo Secular, Missenário Apostólico.
OFFERECIDO
Ao mesmo Magnifico Senhor

P O R
FERNANDO ANTONIO
DA COSTA DE BARBOZA.

L I S B O A :
No Officio de ANTONIO DA SILVA, Anno de 1747.
Com todas as licenças necessarias.



Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

SENHOR.



QUANDO os fidelissimos Vassallos de V. R. Magestade agonizavaõ no mais mortal deliquio, por ordem do Eminentissimo Cardeal Patriarca sabio a milagrosa Imagem da Senhora da Piedade da Parockial Igreja de S. Paulo em humã internecida, e devotissima Proçissão; e querendo seus devotissimos Irmaõs, que

* ii

as

H18

as Preces daquella publica demonstraçaõ da sua dor se finalizasse no Pulpito com huma Oraçaõ, que, estimulando-lhe o fervor, lhe fizesse mais poderosa, e devota a supplica, obrigáraõ ao P. Philippe de Oliveira, Clerigo Secular a recitar o incluso Sermaõ. E supposto lhe naõ permitio a angustia mais tempo, que o de trez horas, com tudo antepoz os affectos de Vassallo aos creditos de Prégador, e sogeitando-se aos repentos de huma acçaõ quasi temeraria, quiz triunfasse o amor do entendimento, e podesse mais a dor, que o juizo, para que o universal affecto, que neste, e em todos os mais Vassallos goza felizmente V. R. Magestade, se faça publico ao Mundo todo, que sempre olhou cõ inveja para o amor, e fidelidade dos Portuguezes, determinei dar ao beneficio da estampa este Sermaõ; e como V. R. Magestade he o seu soberano assumpto, justo he, se digne ser o seu Benefico Mecenas. Já corre impresso outro Sermaõ gratulatorio do Author, recitado nas melhorias de V. R. Magestade; e protegendo-se este com seu augusto, e poderoso nome, na permissaõ, e fortuna do primeiro vai buscar o mesmo amparo e ste segundo. O primeiro foy de acçaõ de Graças, este de Preces; e busca o clementissimo amparo de V. R. Magestade agradecendo, e pedindo; agradecendo a protecçaõ, com que se dignou favorecer o primeiro, e pedindo para si a beneficencia, e continuacão deste amparo; porque he justo, que aos Altares, aonde chegarãõ as demonstraçoens do gosto, se rendaõ os excessos do pezar, e de hum, e outro affecto se conheça, quanto deseamos dilatada a vida de V. R. Magestade, que para utilidade publica conserve Deos por Nestorios annos.

Beija a Real maõ de V. Magestade

Seu fiel Vassallo, e perpetuo Orador

Fernando Antonio da Costa de Barboza.



L I C E N Ç A S :

DO SANTO OFFICIO.

*Approvaçãõ do M. R. P. M. Fr. Bernardo do Desterrõ,
Religioso de S. Domingos, Lente Fubilado na Sa-
grada Theologia, e Consultor do Santo Of-
ficio.*

EMINENTIS. E REVERENDIS. SENHOR.

POr ordem de V. Eminencia vi o Sermaõ de Preces, q̃ pela faude do Magnifico Rey D. Joaõ V. Nosso Senhor prégou o M. R. Doutor Filipe de Oliveira, Clerigo Secular, Missionario Apostolico, e o quer fazer publico por meyo da estampa Fernando Antonio da Costa de Barboza. Eu o li com muito gosto, e huma grande satisfacãõ. Foy ideado no breve espaço de tres horas, e parece obra de muito estudo; assim na singular propriedade do Thema, como na admiravel eleiçãõ das Escripturas; em que se está claramente vendo o raro engenho de seu Autor; e juntamente o seu ardente zelo pela estimadissima faude do nosso Augustissimo Monarca nas internecidas expressoens, com que ensina a pedilla, e nas poderosas razoens, que em taõ breve tempo descobrio para mover a Piedade de Maria Santissima, que se di-

gnou ouvir, despachando as efficaces supplicas de seus devotos com gosto universal de todo o Reyno. E para que em todo elle se saiba recorrer à intercessão da mesma Senhora, pela conservação da vida, e saúde do nosso Soberano Monarca, justo me parece, e convém, que se imprima este Sermaõ, no qual não encontrei cousa alguma contra a Fé, nem aos bons costumes. V. Eminencia mandará, o que for servido. Convento de S. Domingos 3. de Outubro de 1747.

Fr. Bernardo do Desterro.

Vista a informação, pode imprimir-se o Sermaõ, que se appresenta, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença, que corra, sem a qual não correrá. Lisboa 3. de Outubro de 1747.

Fr. R. de Alencastre. Abreu. Amaral.

DO ORDINARIO.

Approvação do M. R. P. M. Fr. Jozé da Assumpção, Religioso Eremita Agostinho Descalço, Visitador Geral, Lente Jubilado na Sagrada Theologia, Examinador das Trez Ordens Militares, e Consultor do Santo Officio.

EXCELLENTIS. E REVERENDIS. SENHOR.

SEr o M.R.P. Doutor Filippe de Oliveira (honra, e credito do Habito de S. Pedro, Missionario Apostolico, hũ dos Oradores mais egregios do presente, e proximos seculos, ninguem o pode duvidar; porq̃ os seus escritos muitos, e todos na Fé puros, saõs, e singula-

gulares evidentemente o daõ a conhecer. Naõ he necessario a este insigne Varaõ deputar tempo , ou assignarse-lhe para haver de dizer bem , porque em todo admira a descripçaõ, acerto , e propriedade, com que falla ; mas que muito se ao nascer logo a natureza o dotou de tudo, quanto aos crescidos se requer para haverem de ser perfeitos neste particular.

O Sermaõ presente he clara , e fiel testemunha desta verdade ; se bem o objecto principal delle a faude , e vida do nosso Inviçtissimo Monarca , o sempre Augustissimo , e Magnanimo Rey , e Senhor Nosso D. Joaõ V. do Templo da Memoria vivo , e eterno simulacro pela Religiaõ , Piedade , Justiça , e Paz , com que soube , e sabe distinguir-se dos mais Soberanos , e exceder a todos , bastaria para obrigar a cada hum dos seus Vassallos a pedir com entendido affecto, e discreto amor a Deos , e á Mãy da Piedade por joyas taõ importantes , e ornato taõ precioso , e perciso aos vastos dominios , a que se estende , e de que se compoem o seu dilatado Imperio; como em casos semelhantes para stupor , e pasmo das idades o tem premitido a Providencia.

Nem por isso affiançaraõ nas suas rogativas , só o acerto de pedir , e falar , os Irmaõs da Senhora da Piedade, porque cada hum por humilde , julgando-se, qual outro Moyfes, incapaz de ser ouvido , e todos em hum corpo formados quizeraõ hum Aaraõ Sacerdote no conhecimento de todos eloquente , que a elles unido , como fiel , e verdadeiro Irmaõ seu , dirigisse seus votos com huma tua publica Oraçaõ , ou como voz propria tambem sua , como a de Aaraõ , para com Moyfes, expusesse , e manifestasse o que cada hum em o seu coração sentia , e do peito de todos exalava para complemento de hum acto, que tanto foy do agrado de Deos , mediante o Patrocinio da Mãy da Piedade , que logo , e no mesmo dia foy do mesmo

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

mo Senhor aceito, como no exito felicissimo, de que nos vemos de posse, o certifica a experiencia.

Assim aconteceu a impulsos da grande Mãe da Piedade, a Mãe de Deos, e Senhora Nossa, adquiridos a empenho das Orações de seus effectivos, e affectivos Irmãos; e assim havia de succeder; porque tudo se obrou com madura ponderação em tão breve tempo, que donde o juizo bem fazonado assiste, pouco tempo, e instantes breves bastaõ para expedições fantasmáticas, e louvaveis. A do presente Sermaõ se faz celebre, e digna de toda a estimação pelas circumstancias, que nelle se tocaõ, e com fortuna se expenderaõ. Para gosto dos que o não ouviraõ, e por elle suspirãõ anciosamente, he justo se lhe não demore a licença, que se lhe supplica; e para os que sabem fazer apreço, do que he bom, utilissima será toda a brevidade na expedição do Prêlo, já que he empreza em todos os seus numeros saã, pura, e perfeita. He o que me parece. V. Excellencia ordenará o que melhor lhe parecer. Lisboa em o Convento da Senhora da Boa-Hora de Religiosos Eremitas Agostinhos Descalços 10 de Outubro de 1747.

O M. Fr. Fozé da Assumpção.

Vista a informação pode-se imprimir o Sermaõ de que se trata, e depois tornará para se dar licença para correr. Lisboa 10 de Outubro de 1747.

D. J. A. de Lacedemonia.

DO

Biblioteca Central
Arquivo e Biblioteca
Arquivo de Lisboa

5
118

D O P A C, O.

Approvaçãõ do M. R. P. M. Fr. Jozé de S. Gualter Lamatide, Religioso de S. Francisco, Lente Jubilado na Sagrada Theologia, Consultor da Bulla da Cruzada, Examinador das Tres Ordens Militares, e Qualificador do Santo Officio.

S E N H O R.

V Magestade me manda ajuizar, ou censurar o Sermaõ de Preces recitado no Pulpito da Freguezia de S. Paulo pelo Reverendo Doutor Philippe de Oliveira ao recolher da Procissãõ, que pela faude de V. Magestade se fez na dita Freguezia com a milagrosa Imagem da Senhora da Piedade, e sendo a censura pena, naõ podia ficar incurso nella hum Sermaõ, que pela propriedade das Escripturas, que pondera, e pelo elevado do estylo, com que está discorrido, he taõ condigno de elogios, que a severidade da censura se deve converter em expressoens de applausos; e ainda que a minha censura fosse espada da Igreja, que tivesse por effeito a privaçaõ do officio, este doutissimo Orador exercita de Prégador com tanta profundidade de erudiçaõ, e por força do seu subtil engenho penetra de tal forte os mais difficultosos sentidos das Escripturas Sagradas, que naõ só se faz mais digno do officio, mas se mostra muito capaz, e merecedor de beneficios e sendo as preces, em que com tres efficazes razões avivou a devoçaõ dos supplicantes, para hum despacho de tanta graça, como era ser pela intercessãõ da Senhora da Piedade restituida a V. Magestade

Biblioteca e Arquivo do Museu Nacional

8
118

tade a feliz faude , pela qual todos os fieis Vassallos de V. Magestade suspiravaõ , e delejaõ eternamente conservada , para se perpetuar a tranquillidade da Monarquia Portugueza, parece, que de justiça merece o douto Autor deste internecido Sermaõ de V. Magestade algumas graças , porque nelle allegou á Senhora taõ concludentes motivos para a graça da faude taõ desejada , e taõ sensiveis razoens para a devoçaõ da supplica, que o constituirãõ merecedor de todas as graças.

E naõ só pelas referidas razoens , mas porque a grande applicaçãõ deste Missionario Apostolico ás letras Divinas , e Humanas , indiciada já nesta Corte em varios , e eruditos Sermoens , que tem dado ao Prêlo , e recitado nos pulpitos com grande applauso dos ouvintes , o fazem util à Republica , assim como pela ociosidade se podia fazer prejudicial : *Ociosi , & ignavi venenum civitatis* , e commoda aos Vassallos de V. Magestade por fazer efficaz o q̃ prêga com o exemp'o do que obra, e delle se pôde dizer com verdade, e sem lisonja , o que disse de Homéro hum Escritor bem instruido : *In quo hoc maximum est, quod nec ante illum , quem ille imitaretur , neque post illum , qui eum imitari posset , inventus est.* E o mesmo Sermaõ , que foy Memorial da supplica será Panegyrico do merecimento , talento, e erudiçãõ do seu Autor , que se em taõ limitado tempo organizou taõ agigantado parto do seu discurso , que desempenhou com tanta energia a sua revelante idea , deixando admirada a mesma admiraçãõ , naõ quero consumir mais tempo em o approvar do que elle teve para o compór , por naõ retardar o gosto aos desejosos de o ler , e porque nelle naõ achei couza encontrada ás soberanas Leys , e Real serviço de V. Magestade, pelo que se faz digno de licença pertendida. S. Francisco da Cidade em 11. de Outubro de 1747.

Fr. Jozé de S. Gualter Lamatide.

Que

70

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á Mesa para se conferir, taixar, e dar licença, para que possa correr, sem a qual não correrá.
Lisboa 11. de Outubro 1747.

Almeida. Carvalho. Castro. Mourão.



Salvum fac Regem, & exaudi nos in die, qua invocaverimus te.

Psalm. 19. 10.



EM tempo, e com dor, sem conceitos, e com lagrymas, sem discurso, e com sentimento; tremulos os passos, confuso o juizo, balbuciente a voz, subo hoje ao pulpito; e certo, que na sensível acerbidade de hum golpe taõ mortal, no horror de huma confusaõ taõ lamentavel, nos sustos de hum perigo taõ funesto só deviaõ subir ao pulpito a dor, as lagrymas, e o sentimento, rethoricos panegyristas de fatalidades grandes.

Jeremias, que nas lamentaçoens de mortaes angustias foy o Prégador mayor, assim o entendeo. Contemplara elle hum luctuoso, e terrivel golpe cahido sobre a mais mimosa herança do Senhor, figurada em Sion, e querendo fallar com Deos, e com os homens, disse, ou suspirou assim:

A

Cla-

Thren. 2.
18,

SERMAM

Clamavit cor eorum ad Dominum super muros filie Sion, deduc quasi torrentem lachrymas; per diem, & noctem non des requiem tibi; nec taceat pupilla oculi tui. Quando Deos, diz o Profeta, confundir as sombras com as luzes, os desmayos com os alentos, e se vir agonizante o seu Jerusalem, e Sion amado; neste caso, fallaráõ a Deos o coração, e os olhos: *Clamavit cor eorũ... nec taceat pupilla oculi.* Quem o dissera? Pois a lingua callada, e o coração cõ clamores: *Clamavit cor*; os olhos com vozes. *Nec taceat pupilla oculi?* Sim: nas agonias de taõ terrivel susto estes devem ser os Prégadores. Naõ tem vozes a eloquencia, devem só fallar o amor, e o sentimento; por isso só o coração, como voz do amor, clama: *Clamavit cor*: e só os olhos com as cháras, e correntes linguas das lagrymas fallaõ: *Nec taceat pupilla oculi.* Jerusalem, Metròpole do mundo, mimo da fortuna, delicia das gentes pòde figurar o Reyno de Portugal, e Sion a nossa Cidade de Lisboa; e hoje, que esta se ve agonizar no ultimo parocismo, parece-me foy delirio do voffo susto querer fallasse a minha lingua. Naõ: os Oradores serãõ os vossos corações, e os vossos olhos. O coração, como assustada voz do sentimento, os olhos, como linguas magoadas do amor: *Clamavit cor eorum .. nec taceat pupilla oculi.* Eu o que farei só he lembrar, o que o voffo amor, a vossa dor deve pedir; repetindo-vos as palavras de David, que primeiro, que outras, (pois nem bem tempo se me concedo

deo

DE PRECES.

deo para eleger Thema) me vieraõ á memoria.

Salvum fac Regem. Senhora: (hamdê dizer os vossos olhos, e os vossos corações, os vossos affectos, e as vossas lagrymas a Maria Santissima) Senhora, a fouce da Parca, que há mais de hum lustro, ou fosse temor, ou respeito, se andava em lastimosos acometimentos ensayando para o golpe, agora o deixou cahir com ultima força: acha-te o Sol de Portugal com inclinaçoens para o occazo; sede vós a Aurora, que lhe influais alentos para triunfar das sombras da morte: *Salvum fac Regem.* Esta he a supplica, e he ella taõ apertada, ou chega tanto na ultima hora, que he preciso lhe ponhais ainda hoje o despacho: *Exaudi nos in die, qua invocaverimus te.* O Psalmo, Senhora, de que trasladámos as ternuras do memorial, parece falla com essa milagrosa Imagem. Diz, que Deos no dia da tribulaçoõ: *In die tribulationis* havia de mandar o auxilio, o amparo do seu Tabernaculo Santo, do seu Sion Sagrado; e isso como Deos de Jacob: *In die tribulationis protegat te nomen Dei Jacob; mittat tibi auxilium de Sancto, & de Sion tueatur te.* O Sion Sagrado sois vós, como Senhora da Piedade: *Maria Sion, de qua Deus nos tueatur*: diz Santo Anselmo. O Deos de Jacob he Jesus morto, que vos descansa nos braços; porque Deos começou-se a chamar Deos de Jacob: *Erit mihi Dominus in Deum*; quãdo este o adorou em huma escada, figura da Cruz, morto, e

40

Cont. Poly.
ant. Eucha.
rifi. volutus
crucis Verp.
Scals.

Plalm. 19. 1.

ibi 7.

ibi

ibi

2. Germ.

Serm. in Na.

iv. B. M. V.

Plalm. 19. 1.

ibi

ibi. 2. & 3.

D. Anselm
in Psalt. B.
M. Virg. p.
1.

Genes. 28.

21:

8
112

SERMAM

4

Cont. Poly-
ant Eucha-
rist. volatus
crucis Verb.
Scala.

Psalin, 19.6.

ibi 7.

ibi

ibi
S. Germ.
Serm. in Na-
tiv. B. M V.

ibi 4.

crucificado: *Crux scala Jacob, ubi Dominus innixus scalæ Jesus est crucifixus:* diz Conti. No Psalmo pede-se a faude para hum Rey, que já em outro tempo, proximo às portas da morte, olhára para as da eternidade; e por especial beneficio vosso se lhe concedera entre jubilos a faude: *Letabimur in salutaris tuo*, enchendo o Senhor as petições, que lhe fizeraõ em publicas rogativas, solemníssimas Preces: *Impleat Dominus omnes petitiones tuas*, conhecendo todos os Vassallos agradecidos, fora a faude milagroso beneficio de Deos: *Cognovi; quoniam salvum fecit Dominus Christum suum.* E se naquelle dia, e dias fostes vós o Ceo, que ouvistes os clamores: *Exaudiet illum de Cælo Sancto suo. Maria Cælum, de quo scriptum est, de Cælo respexit Dominus*, diz S. Germano, como a tribulaçaõ repete neste dia, que mais, que dia, nos parece tribulaçaõ: *In die tribulationis*, respira a nossa afflicçaõ na mesma esperança. Lembrai-vos, Senhora, dos antigos sacrificios: *Memor sit omnis sacrificii tui.* Lembrai-vos dos votos, das solemnídades, das acçoens de graças, com que as expressoens do jubilo, e da gratidaõ magnificaraõ nos vossos Templos, nos vossos Altares este beneficio: *Letabimur in salutaris tuo, & nomen Domini magnificabimus.* Olhai, que a morte deixa cahir tambem o golpe sobre o vosso amparo, e vem a cortar por huma posse, que a nossa fé adorava no vosso amparo milagrosa. Quasi criamos, que a vida do vosso Augustissimo

Mo

452

DE PRECES.

5

Monarca era mais vossa, que sua; pois não permitais, que a morte vos roube este dominio, e que com o sceptro de Portugal abale tambem o Imperio da vossa Piedade. Não, Senhora, haveis de dar melhoras ao nosso Rey: *Salvum fac Regem*, e hamdem ser hoje as melhoras: *In die, qua invocaverimus te*. Isto he, o que os clamores do vosso coração, as vozes dos vossos olhos dizem á Senhora da Piedade; mas como a supplica deve alegar na razão motivo para o despacho; será o trabalho do discurso mostrar, por parte da vossa dor, e do vosso sentimento a Maria Santissima Senhora da Piedade as razoens, porque deve conceder hoje este beneficio: e como eu heide ser o interprete do vosso sentimento começo a dizer com as esperanças, de que Maria Santissima vos hade ouvir: *Salvum fac Regem, & exaudi nos in die, qua invocaverimus te*.

Valhame o Ceo! Que sustos encontra hoje o meu discurso áte nas Constelações do Firmamento? Neste dia, escreve Ptolomeo, morre, agonizando entre tristes, e funestas sombras no Ceo, huma Estrella chamada Clara, que se divisa na Aguia celeste: *Clara stela in Aquila prima luce occidit*; e ou temerosa se escôda, ou tremula se eclypse sempre affusta a memoria, sempre he lugubre cometa às fantezias do temor, por vermos tambem hoje desmayando nas luzes, e nos resplandores aquella Estrella, em que Portugal tem toda a sua fortuna; inclinadas as azas daquella Aguia, a cujos ampa-

Ptolom. de
Appar apu
Patavium in
Uranolog.

ro vivem protegidos todos os seus felices Vassallos ; mas esta razaõ de dia he a primeira razaõ , porque Maria Santissima deve conceder hoje o beneficio ; he dia , em que a Igreja , que he o Ceo da terra , nos offerece outra Estrella , em que esperámos as influencias do beneficio , a dignissima Avó de Christo , e Mãy de Maria Santissima Anna Santa ; e em dia de vossa Santissima Mãy , naõ he possivel , Senhora , caya do Ceo a Estrella , incline as azas a Aguia , e experimente o nosso Monarca as crueldades , e golpes da morte.

Haverá hum dia , diz o Profeta Joel , em que para se ver representada a tragedia do ultimo , tudo nelle seráõ sombras. O Sol , e a Lua se cobriráõ de pavoroso luto , as Estrellas perdendo a galla dos resplandores , naõ teráõ naquelle dia nem resplandores , nem galla. Para indice do sentimento todas as suas luzes feraõ tristes scenas do horror : *Sol , & Luna obtenebrati sunt , & stelle retraxerunt splendorem suum.* Isto que lá previo o Profeta , he o que entre lagrymas sente hoje o nosso susto. Escureceo-se em eclipfes , e desmayos o Sol de Portugal no nosso Augustissimo Monarca ; e sentindo-se por conjunçoens do amor desmayada no eclipse a melhor Lua , a nossa Soberana Rainha , começou nas lagrymas a submergir as luzes , querendo acompanhar em amantes extremos ao Sol nas sombras : *Sol , & Luna obtenebrati sunt.* Ao eclipse destes dous Astros mayores se seguiráõ desmayos , e sustos nas Estrellas , os nossos

Se-

Joel. 3. 15.

62

DE PRECES.

Sereníffimos Principes , e Infantes : *Stellæ retraxerunt splendorem suum*, convertendo-se o Ceo da terra em theatro da dor , esfera do sentimento , eclýptica da magoa : *Sol , & Luna obtenebrati sunt , & stellæ retraxerunt splendorem suum*. Neste dia , (continúa o vaticinio do Profeta) hade o povo afflicto collocar todas as suas esperanças em Deos , que como amparo , e fortaleza sua , communicára o patrocínio , quando habitar em Sion , monte Santo seu : *Dominus spes populi sui , & fortitudo filiorum Israel ; scietis , quia ego Dominus Deus vester habitans in Sion monte Sancto meo* : e isso , porque se hade ver huma fonte , que sahindo da Casa do Senhor regará com beneficas affluencias hũa torrente de espinhos , para os tranformar em suaves flores : *Et erit Ferusalem Sancta , fons de domo Domini egredietur , & irrigabit torrentem spinarum*. Até aqui o Profeta , decifremos , e demos luzes à Profecia. Este monte Sion , de que Deos havia mandar o auxilio àquelle povo , que afflicto nelle tinha collocado todas as suas esperanças , he Maria Santíssima : *Maria mons Sion , de qua Deus nos tuetur*. A torrente de espinhos saõ as tribulaçoens , de que este povo se via agudamente ferido : *Torrentem spinarum , id est , hominum spinis tribulationum obsistorum*. A Casa de Deos , de que sahia a fonte , figura de Maria Santíssima , a regar estas tribulaçoens do afflicto povo , he a Senhora Santa Anna : *Maria fons , de quo dicitur in Joel : Egredietur fons de domo Domini*,

ibi 16. & 17.

ibi 18,

Loco citat.

Alap. in hunc locum

Ric. à D. laur. de laud. SS. V. lib. 9.

mini, & irrigabit torrentem spinarū: egres-
sa enim de domo Domini, id est, de Beata
Anna. Diz Ricardo de S. Lourenço. E em
o dia, em que se recorrer á fonte, sahindo da
Casa de Deos a Senhora Santa Anna, ou em
q̄ desta Casa de Deos se fizer memoria; neste
dia, diz o Profeta, como dia proprio de
alegria para o povo, todas as suas afflições
handem achar remedio no Sion sagrado de
Maria, que empenhando o patrocínio, ha-
de por obrigação de filha, como Senhora da
Piedade, alcançar de Christo, que em seus
braços habita: *Dominus Deus vester ha-*
bitans in Sion, monte Sancto meo a consola-
ção a esse povo, que afflicto com os eclip-
ses do Sol, ou com os desmayos do seu
Monarca: *Sol, & Luna obtenebrati sunt*
toda a sua esperança poz em Deos, como
asilo das suas afflições: *Deus spes popu-*
li sui, & fortitudo filiorum Israel. Se-
nhora, chegou o dia de se encher o vaticínio.
O povo todo de Portugal chora afflicto, sen-
te enternecido, e isso porque o seu mais
luzido Sol se eclipsou: *Sol-obtenebrati sūt.*
Nestas afflições, porque defengana o
mundo as esperanças, todos os seus rogos
saõ ao Ceo, voaõ nestas sentidas Preces
a Deos: *Dominus spes populi sui,* mas pa-
ra isso metem o memorial à vossa Piedade:
querem, que desse Sion Sagrado lhe mande
Deos a consolação, e o alivio: *Ego Domi-*
nus Deus vester habitans in Sion monte
Sancto meo. Maria mons Sion, de qua Deus
nos tuetur; e vós, Senhora, olhai estais no
dia da Senhora Santa Anna, vossa amabilis-
sima

DE PRECES.

9

fima Mãy, e q̄ como fonte, que desta Casa do Senhor sahistes: *Fons de domo Domini egredietur. Maria fons egressa de domo Domini, de Beata Anna*, deveis tambem sahir em affluencias de Piedade a regar as nossas tribulaçoens, concedendo milagrosa saude ao nosso Soberano Monarca: *Fons de Domo Domini egredietur, & irrigabit torrentem spinarum. Id est, hominum spinis tribulationum obsistorum.* Não permitais se funeste com as exequias do seu Monarca hum dia, em que os Portuguezes, reveftindo-se de jubilos, saõ poucos os Templos, em que não tributem, entre reverentes adoraçoens, inflammados cultos á vossa amada Mãy a Senhora Santa Anna. Supponhamos, que triunfante a inflexivel Parca amontoava no exoravel do throno as vidas dos Portuguezes na do seu amado Rey. Em todos os seculos seria este dia funesto, triste, e luçtuoso às memorias Portuguezas, aos factos da Lusitania. Este seria o dia Egypciaco, ou critico, que na volubilidade dos tempos seria notado pelo mais infeliz, e infausito; e serà justo, Senhora, se confunda com esta tristeza o dia da solemnidade de vossa Mãy; que o ecco dos seus canticos sejaõ estes heus funeraes, e que os suaves incensos dos seus applausos se misturem com os negros fumos deste sentimento. Não he possivel: em respeito aos applausos do dia o deveis preservar desta eterna confusaõ. Se esta razaõ não basta, porque a articula a nossa voz, ouvi as da Senhora Santa Anna vossa Mãy, que, como

B

pre-

prejudicada no jubilo dos cultos pede tenaõ eclipse o seu dia com estas sombras ; e como Anna por parte do dia pede , e pede como Mãy , naõ lhe podeis negar o despacho , a nõs o favor , e ao Principe a saude.

Empenhado Assuéro nas honras de Mardocheo , lhe entregou no proprio anel a ampla jurisdicaõ de todo o seu poder :

Esth. 8. 2.

Tulitque Rex annulum, & tradidit Mardocheo. Já sabeis , que o anel entre os Persas era signaculo real , cõ que se expendiaõ , e firmavaõ todos os reaes favores :

Pol.

lib. 6. Ma 15.

Mans. 35.

conc. 57. fol.

mihi 775. n.

2500.

ibi.

Annulus apud Persas erat signaculum Regalium decretorum : por isso o entregar o anel a Mardocheo , foy ceder-lhe o dominio para todos os despachos , e elevallo à soberania, e omnipotencia de Principe: *Fuit igitur Mardocheus elevatus ad Principem.*

diz o Douto Polo. E quaes os meritos , com que na Corte de Assuéro foy Mardocheo senhor dos favores do Principe , ou o Principe dos favores ? Ouvi o Texto : *Fuit nutritius Ediffæ, quæ altero nomine vocabatur Esther :* porque Mardocheo foy o que com caricias de Pay creou , e alentou a Esthér , doce agrado , adorado objecto dos extremos de Assuéro. Nas divinas letras Assuéro he figura de Christo , Esthér de Maria Santissima : *Maria Esther, quam adamavit Rex Assuerus, id est Christus.*

Esth. 2. 7.

escreveo Alberto Magno. E quem foy senaõ Anna , a que, como Mãy , foy elegida para crear , e sustentar a graciosa Esthér da Igreja, Maria Santissima : logo pelo titulo desta

Albert.

Magn. in

Biblia Mar.

sup. lib. Esth.

esta

desta educação lhe pertence hũ dominio glorioso no poder de Maria Santissima. Ao levantar para as rogativas Anna as mãos, verá Maria Santissima nellas o anel, e lembrando-se foy dado a Anna por singular indulto de ser Mãy sua lhe obedecerá como filha. Muito mais, que se reflectirmos na Sagrada Escritura acharemos, que a famosa Esthér, ainda despois de ser coroada Rainha, obedecia a Mardocheo, porque a tinha creado, e adoptado por filha, com aquella promptualidade, com que quando menina observava os seus preceitos. O mesmo era Mardocheo pedir, que Esthér obedecer: *Quidquid ille præcipiebat, observabat Esther, & ita cuncta faciebat; ut eo tempore solita erat, quo eam parvulam nutriebat.* Se Esthér he figura de Maria: *Maria Esther, quã adamavit Rex Assuerus,* e aquella famosa Matrona obedecia indispensavelmẽte a Mardocheo lembrada da educação, q̃ lhe devera, com quanto mayor empenho despachará Maria Santissima aquelles rogos, e petiçoens, em que Anna for empenhada, se como Mãy a trouxe em seus braços, e alimentou a seus peitos; por isso não pòde a Senhora Santa Anna pedir beneficio, que vós, Senhora, benigna não concedais. Como he vossa dignissima Mãy, aos rogos de Mãy haveis por obrigação de filha por os despachos. Sobe hoje a nossa petição com hum memorial, em que por parte do dia vay assignado o patrocínio de Anna, e com a protecção do memorial sahirá bem favorecida a petição. Ficarà o dia

de Anna mais glorioso , nòs latisfeitos , e
refuscitados , e o Rey com prodigiosa fau-
de: *Saluum fac Regem , & exaudi nos in
die , qua invocaverimus te.*

A segunda razão , que na supplica a-
lenta a nossa esperança , e deve mover a
Piedade de Maria , he ser esta a segunda vez,
que o nosso susto agonizante nas intercadenc-
cias dos desmayos em internecidas preces
implora o auxilio da Senhora. Quando a
deshumana Parca ensayou a primeira vez
a fouce para cortar a purpura , e a levar tin-
gida com todo o nosso sangue , foy a Pie-
dade da Senhora , a que lhe suspendeo o
golpe ; e como agora repete os impulsos,
deve o braço da Piedade de Maria ostentar
a sua virtude ; e só esta repetição nos fará
adorar o milagre , como seu.

David, aquelle Rey , cujas reaes mãos
tanto se movião para nas Armonias da Arpa
cantar louvores a Deos , como para nos
imperios do Sceptro distribuir leys ao Rey-
no ; aquelle Monarca , cuja mayor osten-
tação da Magestade era ter hum coração ,
que , senhoerado do amor de Deos , só nos
seus cultos respirava ; aquelle Monarca ,
que não podendo nos dias da sua vida fa-
ciar os dezejos , os deixou por legado do
zello na erecção do mais magnifico Templo ;
aquelle Monarca , em quem o amor da Re-
ligião teve o mais sublime throno, David di-
go , vio-se entre os impulsos de huma peri-
gosa enfermidade acommetido das tyranias
da morte , tão empenhada em cantar o tri-
unfo , que repetio huns a outros golpes,
huns

45

DE PRECES.

huns a outros combates: *Impulsus eversus sum, ut caderem. Confitetur infirmitatem suam. Referrí potest hoc ad pericula amittenda vitæ corporalis, in qua sæpè incidit David.* Explicou o Purpurado Belarmino. Duas vezes nos deliquios da morte affustou Deos a David com o golpe, e supposto, que este para o povo de Davidera bem sensível castigo: *Castigans castigavit me Dominus*; a nenhum se seguio o horror da morte: *Et morti non tradidit me.* Duas vezes moribundo, mas duas vezes re-luscitado: *Non moriar, sed vivam*; porque com hum milagre taõ estupendo, que a todos se meteo pelos olhos: *A Domino factum est istud, & est mirabile in oculis nostris*, duas vezes lhe cõunicou portentosa saude. *Dominus factus est mihi in salutem. Factus es mihi in salutem.* E como se executou esta admiraçãõ dos milagres, ou milagre das admiraçoens? Como? Empenhãdo a maõ de Deos duas vezes a sua virtude, e beneficencia, ou a beneficencia da sua virtude: *Dextera Domini fecit virtutem: Dextera Domini fecit virtutem.* A maõ direita de Deos he Maria Santissima, q̃ como Senhora da Piedade para beneficiar tem sempre a maõ estendida, e aberta: *Maria Dextera Christi ad lapsos omnes erigendos extensa.* Elcreveo Marracio. O calo em tudo he semelhante. Esta entre os desmayos, e deliquios da morte o nosso David, esse Monarca Portuguez, em quẽ os seculos desabafáraõ aquellas saudades, com que em Jerusaleem sentiaõ a falta de
cutro

Plalm. 117.

13.
Belarm. in
hunc locum.

ibi 18.

ibi.

ibi 18.

ibi 14. & 21.

ibi 16,

Marr. Poly-
anth. Mari-
anna Verb.
Dextera

outro David; aquelle Monarca, a quem
 o culto Divino arrebatava tanto os affectos,
 que, como a David, os templos, Altares,
 e Coros faõ os Palacios, em que mais se
 magnifica seu real animo: emfim esta ago-
 nizante o nosso Augustissimo Monarca; por-
 que a morte lhe quer tirar o Sceptro da maõ,
 a Coroa da cabeça, e a purpura dos hom-
 bros para fazer mais soberbo, e augusto
 seu desvanecido throno. *Impulsus eversus
 sum, ut caderem. Referrri potest ad peri-
 cula amittende vitæ corporalis, in qua
 sæpè incidit David.* Esta molestia do seu
 amado Monarca sentem, choraõ, e lasti-
 maõ seus fidelissimos Vassallos, confessan-
 do, que nella lhe quer Deos dar o mais
 rigoroso castigo: *Castigans castigavit me
 Dominus*; e castigo duas vezes repetido:
Castigans castigavit: porque tambem duas
 vezes sentem já o seu Monarca enfermo;
 moribundo, e quasi cahindo: *Impulsus e-
 versus sum, ut caderem*; mas nesta affli-
 çaõ ainda esperaõ entre tristes confiados,
 naõ hade o seu Monarca experimentar os
 rigores da morte: *Et morti non tradidit
 me*; e esperaõ, que, como a primeira, ham-
 de conseguir segunda vez o beneficio da sau-
 de, que Deos lhe hade dar: *Dominus fa-
 ctus est mihi in salutem.* Mas para se enche-
 rem taõ justificados dezejos, he necessario,
 que a vossa maõ, gloriosa Senhora, se em-
 penhe. Já a primeira vez vimos, experi-
 mentamos, e agradecemos a virtude da
 vossa maõ, empenhada para o beneficio:
Dextera Domini fecit virtutem: pois en-
 chei

chei a segunda parte do vaticinio. O golpe he o segundo, deveis empenhar segunda vez a mão: *Dextera Domini fecit virtutem. Dextera Domini fecit virtutem.* O beneficio primeiro está como obrigando-vos ao segundo, abri segunda vez a mão, e deixai cahir della a protecção da faude: *Dextera Domini fecit virtutem.* Só assim conheceremos ser esta faude vinda de Deos toda milagre vosso: *A' Domino factum est istud, & est mirabile in oculis nostris.* Fazei, que o nosso Monarca triunfando de todos os perigos, que na enfermidade lhe representaõ tanto ao perto os horrores do tumulo, cheyo de jubilo, devoção, e reverencia confesse fostes vós a que ouvindo as supplicas, e rogos em desempenho da vossa Piedade lhe destes milagrosa faude: *Confitebor tibi, quoniam exaudisti me, & factus es mihi in salutem.* Obrai este milagre; porque queremos, que os jubilos nas nossas vozes, os louvores nos nossos agradecimentos enchaõ de adoraçoens os vossos Tabernaculos, Tépllos, e Altares, ouvindo-se por vozes das vossas acclamaçoens, por ecco da vossa protecção as vozes da exultaçaõ, os eccos da faude: *Vox exultationis, & salutis in Tabernaculis.* E como não será para vós, e para nós, entre as alegrias da posse, solemne aquelle dia, em que em repetidas acções de graças: *Constituete diem solemnem in condensis,* confessaremos dever á misericordia de Deos, e à vossa Piedade a faude do nosso Monarca. A' misericordia de Deos, de quem
a es-

a esperamos: *Dominus factus est mihi in salutem*: à vossa Piedade, a cuja mão havemos dever a virtude deste beneficio: *Dextera Domini fecit virtutem*; que para ser glorioso, plausível, e magnífico, deve segunda vez repetir-se, e comunicar sobre a primeira saude, que sentimos perdida, huma segunda saude, com que se recupere, e augmente a primeira. Ainda estou ouvindo a Arpa de David.

Pfalm. 17. 51

Magnificans salutes Regis ejus, & faciens misericordiam Christo suo. Deos, diz o Sceptro penitente, magnificará as laudes do seu Rey, executando huma misericordia fertil de beneficios com o seu Christo. Que este Rey por especialidade de Deos: *Regis ejus*, seja o nosso Augustissimo Monarca, assim se infere do contexto. Era hum Rey glorificado com a especial nomenclatura de Rey de Deos: *Regis ejus*. *Se Regem Dei vocavit*: comenta Lorino, porque Deos com extremolo cuidado da sua providencia o constituiu Rey: *Quia constitutus est á Deo immediatè*: e bem sabeis, que o nosso inclito Monarca não nasceo Rey a destino, e virtude da natureza, que lhe negou o ser primogenito; Deos o constituiu, e poz Rey: *Regis ejus*. *Se Regem Dei vocavit; quia constitutus est á Deo immediatè*; elevando para isso a outro Throno aquelle, que, como premissa do thalamo, devia gozar o Sceptro da primogenitura, ou como primogenito o Sceptro. Era hum Rey tão sagradamente destinado aos louvores de Deos, que por elles

Lorino in hūc loc.

Idem ibi.

elles, sem sahir da Patria se fizera peregrino no mundo todo, ouvindo todas as Naçoens nas vozes da fama aquelles altos brados, com que semeava affombros a sua Religiaõ, Piedade, e Zello para o culto Divino: *Confitebor tibi in nationibus, Domine. In gentibus*, verte S. Jeronymo. E em todas as quatro partes do Mundo, aonde se ouve o teu nome com gofio, fauda-de, e respeito, celebraõ os clarins da fama pelas vozes do affombro a Religiosidade, com que o nosfo inclito Monarca tem dilatado os louvores do Senhor: *Confitebor tibi in nationibus, Domine*. Hum Rey, cujo faustissimo Imperio, feudatario à Igreja, lhe repetia os tributos em sonoros canticos, offerecidos nas religiosas harmonias dos Psalms: *Et nomini tuo psalmum dicam*. E este louvor do Senhor nos rites da Igreja o mais canonizado, refuscitou nos venturosos dias do nosfo magnifico Monarca, cujo zello instituhindo huns, e reformando outros Coros, em todos està levantando para o louvor de Deos a sublime, e grata voz da sua Catholica devoçaõ: *Et nomini tuo Psalmum dicam*. Hum Rey (digamos tudo) taõ destinado ao Sagrado, que parece Sacerdote, ou Christo este Rey: *Et misericordiam Christo suo: Sacerdotes dicebantur Christi*. A este hade o Senhor, magnificando a tua misericordia, comunicar extremofo as laudes: *Magnificans salutes Regis ejus*. As faudes: *Salutes*? Naõ reparaes nesta pluralidade? A faude he huma só. O mesmo Rey no Psalmo,

ibi 50.
Lorin. hic?

Biblioteca Central

Ciências e Letras

Faculdade de Filosofia

ibi 50.

ibi. 15.
Laur. Verb.
Christus.

Psalm. 17. 3.

implorando o beneficio confessava ser o Senhor o amparo, e protecção da sua saúde: *Protektor meus, & cornu salutis meae*: Pois se a saúde, quando se pede, he huma só: *Salutis meae*, como quando se comunica nas clemencias do beneficio, são duas as faudes: *Magnificans salutes Regis*? Bem se explicou o conceito de David. Haviaõ ser as faudes duas: *Salutes*; porque se havia comunicar a saúde duas vezes; e para a misericordia ser completa, o beneficio magnifico: *Magnificans*, devia comunicar-se sobre huma outra saúde: *Magnificans salutes*.

Estes são, Senhora, os esmaltes, que haveis de dar hoje à joya da vossa Piedade; estas são as magnificencias, com que haveis de illustrar o imperio da vossa clemencia, a hum Rey tanto do vosso filho: *Regis ejus*. Não basta dar a saúde huma só vez, he preciso, que as faudes sejaõ muitas: *Salutes*, e deveis por isso beneficiar-lhe muitas vezes a saúde. Assim ficará a misericordia cheia, a Piedade completa, e o favor magnifico: *Magnificans salutes Regis*.

Lembraí ao amado Filho, que vos reclina nos braços, aquella promessa, com que amante offereceo a primeira vez aos Portuguezes esses signaes da Piedade, as suas cinco Chagas: prometeo no campo de Ourique ao Anibal Portuguez, ao Alexandre Lusitano, ao primeiro Sol da nossa Monarquia, o Serenissimo Rey D. Affonso Henriques, que se em seus florentes Ramos

mos, e angustos Successores vifle alguma attenuaçãõ, e angustia, lhe poria muitas vezes os olhos: *In ipsa atenuata respiciam, & videbo.* A attenuaçãõ já a sabeis, e tambem nõs sabemos, que este Senhor a rogos vossos lhe poz huma vez os olhos: *Respiciam,* suspendendo o golpe da morte, que em huma vida queria cortar por todas as dos Portuguezes. Pois, Senhora, fazei se cumpra a segunda parte da promessa, que he por este Senhor outra vez os olhos: *Respiciam, & videbo;* e seja com tanta efficacia, que triunfando da molestia, empunhe o Sceptro por Nestorios annos, em todos innaccessivel às adversidades. Este complemento supplicamos; nesta promessa se funda a nossa esperança, e esta he a segunda razaõ, em q̄ respira a dor, para esperar neste dia indubitavel o beneficio da faude do nosso Rey: *Salvum fac Regem, & exaudi nos in die, qua invocaverimus te.*

A terceira razaõ, em que a esperança quasi se vai enlaçando com a posse, e a supplica com o despacho, he por ferer Senhora da Piedade; e este titulo parece, faz necessario o portento, que esperamos.

Aquelle Rio do Apocalypse era figura de Maria Santissima, e o q̄ elle offerencia nas agoas era a vida; as flores, que brotava nas folhas, eraõ a faude: *Ostendit mihi fluvium aquæ vitæ.. procedentem de Sede Dei.. & folia ligni ad sanitatem.* Sahio a Senhora hoje, como rio, do Throno de Deos: *Procedentem de Sede Dei;* porque deixou

48
Brit. Monarch. Lusit lib. 10. Cap. 2. fl. 119.

Apocal. 22. 1. & 2.

Marr Poly-
anth. Marian.
Verb. fluvius
Picus lib. 1.
instant. cep. 6

Ric. à Sanct.
Lour. de laud
Santis. Virg.
libr. 11.

o Templo, e o Throno: *Procedentem de Sede*; mas por isso offerecerá rios de Piedade, ou a sua Piedade a rios, para nelles beber a vida, e se restituir à faude o nosso Monarca: *Ostendit mihi fluvium aquæ vitæ, procedentem de Sede Dei, & folia ligni ad sanitatem. Maria fluvius aquæ vitæ multiplacitum repletus aquis gratiarum ad mortalium salutem.* Há muito tempo, prometeo Deos por Isaias, havia de dar a faude em Sion: *Dabo in Sion salutem.* E disse o Ecclesiastico, que nas pressas, nas agilidades da nevoa se receitaria universal medicina a todos os enfermos: *Et medicina omnium in festinatione nebule.* O Sion he Maria Santissima, Senhora da Piedade: *Maria Sion, de qua dicitur; dabo in Sion salutem*; diz Ricardo de S. Lourenço. E como este monte Santo, este Sion Sagrado hoje se moveo, e abalou, e isso com tanta pressa, que se hade seguir, senão a faude, e a medicina, como a necessitamos com muita pressa: *Et medicina in festinatione nebule.* Muito mais, que a faude pede-se para hum Rey; e a estes está tão destinada a Piedade da Senhora, que he decoroso attributo, especial gloria da sua Piedade dar esta faude.

4. Reg. 20. 1.

Dous Reys, hum pelo sangue, outro pelo poder, acho nas Divinas letras lutando com as agonias da morte: hum em Jerusalem, outro em Syria, Naaman, e Efechias: hum com o decreto da morte passado: *Morieris tu, & non vives*; outro com a faude perdida na mais incuravel enfermidade

fermidade: *Naaman princeps... fortis, & dives, sed leprofus.* Ambos recuperaraõ a faude, e vida por hum milagre, mas ambos deveraõ o milagre à Piedade de Maria. Ezechias aos passos do Sol, emblema da Piedade da Senhora: *Quod erit signum, quod Dominus me sanabit. Reversus est Sol decem lineis. Maria est Sol, quia charitate plena.* Diz o douto Pissis. Naaman aos movimentos da agoa do Jordaõ, que tambem da Piedade de Maria era espelho: *Lavare septies in Jordane, & recipiet sanitatem caro tua. Maria Jordanis, in quo Naaman Syrus, & leprofus septies se lavavit; à lepra penitus est mundatus.* Escreve o conceituoso Pragense. E porque hade merecer Syria, e Jerusaleem mais, que Portugal? Porque haõde ser mais felices aquellas, que a nossa Coroa? Deo hoje na Imagem da Piedade de Maria gyros o Sol, moveraõ-se as agoas do Jordaõ; pois receberá milagrosa faude o nosso Monarca: *Recipiet sanitatem caro tua;* e contará, para gosto, e delicia de seus fide'issimos vassallos ainda muitos annos de vida: *Addam diebus tuis quindecim annos.* Assim o pedimos, e esperamos, Senhora; porque se como Senhora da Piedade sois especial protectora da faude dos Reys, deveis comunicar com mais copiosa influencia esta Piedade aos Reys Portuguezes.

Quando Senhora da Piedade tendes os olhos nas Chagas de Jesus, e naõ os podeis apartar dos Reys Portuguezes, tem estes felices por brazaõ as mesmas Chagas, cujo

4. Reg. 5. 1.
ibi. 8.
Isai. 38. 8.
Bartol. d Pif.
lib 1. d Laud
Virg. fruct.
8.
4. Reg. 5. 10
Ernest. Pra-
gens. in
Mareal. C.
29.

cujo sangue , rubricando-lhe as armas, mostrão ao Mundo todo ser o Imperio Portuguez de Christo. E se estas chagas são signaes da vossa Piedade, como pôde faltar a vossa Piedade a huns Reys , conhecidos no Mundo por estes signaes ? Cresce esta obrigação da Piedade , he mais forte , e necessario este empenho , sendo este Rey Portuguez o Serenissimo Senhor Rey D. João V. que gozamos felices no Throno , e deploramos proximo ao tumulo. Em nenhum Sceptro Portuguez teve ainda mayor , e mais dilatado imperio a Piedade. He esta aquella virtude , que olhando para Deos, seu singular objecto , se canoniza no zelo , que se deve ter da honra , culto , e Religiaõ da verdadeira Divindade : *Propriissimè pietas Deum respicit , estque cultus, & sincerus erga eum affectus* , explicou o Alapide ; e o nosso Augustissimo Monarca he o que sem controversia , nem fumos de adulaçaõ tem sublimado o culto divino a hum eminente grão de perfeiçaõ , e magnificencia, superior ao que no Reynado de seus gloriosos Antecessores vio o tempo. Quanto me peza faltarme este , e obrigarem-me a fazer em poucas horas hum Sermão , que se devia meditar (a ser possivel) em muitos seculos. Queria aqui chamar a Theatro , para vos representar esta verdade , todas as Religioens Sagradas , todas as Jerarchias Ecclesiasticas , todas as Clausuras , todas as Parochias , e Templos da nossa Corte , que , a expensas da sua munificencia , e a fructo do seu exemplo , se vem

taõ

Alapide. in

taõ gloriosamente reedificados nas fabricas, renascidos, ou aperfeicoados nas Ceremonias, nos Ritos, nos Ornatos, nos Paramentos, que naõ parecem os mesmos, que foraõ. As Familias Sagradas na sua piedade acharaõ sempre a sua protecçaõ taõ vigilante, como prompta. Que disturbio se levantou já mais no interior socego de seus Claustros, que a voz do seu real preceito naõ fosse a Arpa de David, que afugentava os espiritos das discordias, ou o Santelmo, que serenava as tormentas das dissençaõs, e parcialidades, enchendo o Sion da Igreja em seus Ministros daquella paz, de que deve ser throno: *Et factus est in pace locus ejus, & habitatio ejus in Sion.* As Clausuras Religiosas, despois de afugentar aquellas serpentes, que semeavaõ venenos nestes Paraissos, as encheo de rendas, de esmolas, e de privilegios, sendo para as defender Argos multiplicado em olhos, e para as amparar Briareo reproduzido em braços. Nada digo por parte dos filhos de Pedro. Aqui só póde fallar o silencio, rethorica voz, com que se explica o que nẽ na exaggeraçãõ dos hyperboles cabe. Todos sabem temos neste Principe Pay, e por isso nos seus deliquios nós somos os filhos, que presentindo a Orfandade, inconsolavelmente choramos: *Sacerdotes ejus lugentes.* Todos estes extremos com os Ecclesiasticos saõ respeitos ao culto divino, que no nosso faustissimo seculo tem o reynado mais glorioso no exemplo do nosso Principe.

Naõ

Naõ sei, que poderosa força tem as acções dos Principes, que saõ como o primeiro movel, que arrebatou os Orbes inferiores. Roma, cabeça do Mundo sempre viveo identificada com o genio dos seus Monarcas. No Reynado de Romulo foy guerreira, no de Numa Pompilio Religiosa, no de Fabricio continente, no dos Antonios dissoluta, no de Juliano idolatra, no de Valente Arriana. Quem póde duvidar, que à força do exemplo do nosso Monarca se deve aquelle culto, Religiaõ, e Piedade, que nos nossos Templos, e Igrejas admiraõ proprios, e estranhos, huns com gosto, com assombro, e naõ sei se com inveja outros. Pois, Senhora, hum Rey tanto da Piedade, deve a vossa Piedade de justiça ser toda deste Rey. Hum Principe, a quem podemos chamar Senhor da Piedade deveis, quando Senhora da Piedade, ser toda deste Principe.

Muito lembra, louva, e celebra a Escripura Sagrada as mãos de Moyfes, e Aram, taõ irmãos nas glorias, como no sangue: *In manu Moyfi, & Aaron*. Forraõ ellas celebres pelos dominios de duas varas; huma, que floreceo em milagres: *Virgam sume in manu tua, in qua facturus es signa*. Outra que por milagre floreceo: *Invenit germinasse virgam Aaron*. Noto porém, q̃ a vara de Moyfes foy vara de maiores milagres, e a de Aram de maiores fortunas. A de Moyfes dominando Ceo, e terra, em todos os quatro Elementos levantou os padroens da sua jurisdicçaõ, e as estatuas do seu poder. Os imperiosos acenos de seus

Psalm. 76. 20

Exod. 4. 17.

Num. 17. 8.

DE PRECES.

25

seus toques semeavaõ milagres, e choviaõ prodigios; a de Aram hum só dia foy milagrosa: *Sequente die invenit germinasse virgam Aaron.* Huma só vez brotou as flores dos milagres, ou por milagre deo flores: *Invenit germinasse virgam Aaron, & turgentibus gemmis erumpere flores.* Com tudo a vara de Aram tirou melhor fructo das suas flores; a de Moyfes naõ mereceo mais Templo, que a memoria; a de Aram para memoria mandou-se guardar no Templo: *Refer virgam Aaron in Tabernaculum testimonii;* a de Moyfes nem se guardou, nem se acha; a de Aram para que se achasse, mandou-se guardar: *Ut servetur ibi;* a de Moyfes naõ se lhe consagrou mais Altar, q̃ os seus milagres: *Facturus es signa;* a de Aram collocou-se como milagre no Altar: *Ut servetur ibi in signum.* E quem fez, (vos ouço perguntar) mais feliz huma, que outra vara? Heide responder hoje, que a fortuna das varas nasceo das diversas mãos, que as empunharaõ. Moyfes foy Principe, mas Principe guerreiro, destinado para Libertador. Na folha da espada escreveo cõ o sãgue dos inimigos mil castigos. Do campo se enlayou para a campanha. Olhava para o Ceo, e fazia chover pragas. Com hum leve aceno dos olhos, e inclinaçaõ da vara formava diluvios de vinganças. A sua mais laboriosa, e fatigavel occupaçaõ foy enlanguentar com justa ira o Povo idolatra: *Ceciderunt in illa die viginti quatuor millia hominum.* Aram foy Principe, mas hum Principe Ecclesiastico, destinado para as sagradas adorações

Loc. citat.

ibi 10.

D

do

Castil. de
Vest. Aaron
Verb. A. r. o.

D. Proc. Alb.
Mag. in Bib.
Mar. sup. lib.
Exod.

do Divino Culto , preparava os Altares, enchia de incensos os thuribulos, de Sacrificios as Aras , de Ceremonias os Ministerios Sagrados, e por isso o Proto-Sacerdote da Ley antiga: *Aaron veteris legis Proto-Sacerdos*, diz Castilho. Tenho entendido a differença, adorado o mysterio. O Tabernaculo do testemunho he a mais expressa figura de Maria Santissima, como Senhora da Piedade: *Maria Tabernaculum testimonii, quod Dominus replevit se ipso, & gaudio ad tritium consolationem*, disse Alberto Magno. E he tanto a Piedade da Senhora dos Principes, em q̃ a Piedade para o Culto Divino floresce, que por ser hũ tal Principe Aram ficou a sua vara em Custodia no Tabernaculo , ou offerecẽdo-lhe o Tabernaculo perpetua Custodia: *Refer virgã Aaron in Tabernaculũ, ut servetur ibi*. Naõ tive, nẽ tenho, benevola Senhora, tempo para a acõmodaçãõ; digo só, q̃ a vara do Aram Portuguez , do Principe dos Sacerdotes, está nos perigos de se fegar: a foice da morte lhe quer cortar as flores , e fructos. Mas nós entrãdo hoje no Tabernaculo da vossa Piedade, esperamos, que elle hade guardar a vara: *Ut servetur ibi*; porq̃ deveis, em attençãõ ao titulo da vossa Piedade fazer, que á manhãa respire o Principe, e a vara reverdeça: *Sequenti die invenit germinasse virgam Aaron*. Assim ficará a conservaçãõ da sua vida por memoria , e milagre no Tabernaculo da vossa clemencia: *Refer virgã Aaron in Tabernaculum, ut servetur ibi in signum. Maria Tabernaculum testimonii gaudio ad tritium consolationem*; sendo por isso

isso o titulo da vossa Piedade a ultima razaõ, em que se funda a nossa esperança, para nos concederes neste dia a suspirada saude do nosso Rey: *Salvum*, &c.

Aqui se callaõ as vozes, porque soltas as linguas do coração, querem fallar nos olhos as lagrymas; e como estas prendem as vozes, acabo exclamando com o Principe da Oratoria: *Finis sit, nec enim præ lacrymis jam loqui possum*. Estas lagrymas são as que correm, Senhora, para o vosso Altar, e vão ellas, como rios, buscar o mar da vossa Piedade. Do celebre Templo, que à Piedade edificaraõ os Athenienses se refere não admitia para os sacrificios o fogo das victimas, nem para os incensos os thuriferos fumos da Arabia; só dolorosas lagrymas, só tristes gemidos enchiaõ os Altares, e incensavaõ os Thronos.

*Non thurea flamma, nec altus
Accipitur sanguis, lachrymis altaria sudant.*

Cantou Estacio. Este Templo da Piedade sois vós: *Tu ipsa es verum Templum misericordie, in Templo misericordie figuratum, de quo loquitur Statius Poeta*. Disse o famoso

Cancelario de Pariz, o douto Gerson. E conhecendo, que as lagrymas são para a vossa

Piedade os mais gratos sacrificios, estas são as que vos deixamos hoje semeadas no

Throno. Esperamos, que nelle se convertaõ em perolas, que como rizos da Aurora, os

seus rizos nos annunciem estar já resuscitado o Sol, respirar o nosso Monarca em alentos.

Nestes resuscitaremos todos, para vos tributar em reverentes gratificações aquelles

affectos,

Cic. pro Tit.
Annio Orat.
in fine.

Statius Re;
bod. 12.
Gerson tract
6, in Magu,

affectos , que agora vos offerecemos em in-
 ternecidas Preces. Assim indubitavelmente
 o esperamos , para que na dilatada vida des-
 te Augustissimo Monarca se vejaõ verifica-
 das as duraçoens da Piedade. He effeito , e
 merito desta virtude eternizar. Entre os
 Astros o emblẽma da Piedade he o Sol to-
 dos os dias renasce; entre as aves o Pelicano,
 com o sangue resuscita mortos; entre os me-
 taes o Ouro, multiplica as luzes nas chãmas;
 entre as arvores a Oliveira, nunca lhe cahẽ
 as folhas; entre as flores o Jacinto, nos mes-
 mos ays resuscita. Se o Serenissimo Senhor
 Rey D. Joaõ V. he o Rey da Piedade , em
 que sempre foy Sol nas luzes , Pelicano nos
 extremos , Ouro na pureza , Oliveira na per-
 manencia , Jacinto na ternura , mostrai com
 este Rey os dominios da vossa Piedade; e vi-
 va nella tanto , quanto permitem os indef-
 pensaveis estatutos da mortalidade , para
 que multiplicando nas vossas adoraçoens os
 meritos , vá despois de huma longa conso-
 lação dos Portuguezes receber a investidu-
 ra da Bemavẽrança no Reyno da Gloria, &c.



F I M.

Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

Biblioteca Central